

O esboço de um novo mundo vem cada vez mais me fazendo pensar no fazer das coisas, a tanto tempo petrificado dentro das lógicas das coreopolíticas. A cidade do “futuro”, que parecia inevitavelmente virtual e cibernética, chegou. A distância entre trabalho, casa e lazer não mais existem enquanto deslocamento e, conseqüentemente, se borraram as linhas do espaço público e do privado. O fim do trânsito, o fim do acaso. Não há mais espaços plurais, há o espaço total de onde tudo parte. Somos, finalmente, onipresentes. Nessa cidade deserto infinitamente fantasmagórica o chão não é mais território em disputa. O chão, simplesmente, não é. E se a coreopolítica age sobre esse território seria esse instante agora por si só uma rachadura? Ou é o isolamento mais uma coreografia sobre a qual não temos controle? Temos controle? Se a performance é também intrinsecamente ligada ao chão pra onde ela se desloca? De onde vem o grito? Qual a nova agora da cidade? Esse é o site-specific que nos interessa: a intervenção dos corpos no espaço público em tempos de ausência de corpos e de espaço.

A noção de coreopolítica (sou seja um movimento de coreografar o corpo no espaço pelas forças políticas atuantes) e de coreopolícia (de vigamento desse corpo e dessa coreografia) foram retirados no texto de “Coreopolítica e Coreopolícia” de Andre Lepecki. Nas palavras do próprio autor “ ‘Coreografia’ pode ser usada simultaneamente como prática política e como enquadramento teórico que mapeia, de modo incisivo, performances de mobilidade e mobilização em cenários urbanos de contestação. Tomando como ponto de partida práticas artísticas que implicam diretamente as tensões sociais que formam e performam as fissuras do urbano, minha proposta é que tais práticas revelam coreo-policiaamentos sutis que (pre)definem o espaço urbano como imagem do consenso neoliberal.”. E no texto “Corona Vida 02: Estéticas do confinamento projetam desejos de mudança e a revolta” de Giselle Beiguelman nos aponta para a empena enquanto “arena compartilhada da cidade” e o fenômeno dos janelões. O espaço público, ela aponta, passa de “lugar perigoso e do encontro com o inesperado (...)a contagioso”. **A cidade constitui uma grande interface sobre a qual as “imagens de infiltração” podem atuar num espaço nem público e nem privado, a empena.**